

ENTREVISTA | ENTREVISTA | INTERVIEW



Entrevista com a cientista social **Ursula Boreal Lopes Brevilheri** concedida a **Iran Ferreira de Melo**¹

Ursula Boreal Lopes Brevilheri é uma pessoa trans/travesti não binária, cientista social, pesquisadora, mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Estadual de Londrina (PPGSOC-UEL). Produz discussões nas áreas de conservadorismo, transfeminismo, direitos das populações trans e não binárias, educação e linguagem não-binária.

Iran Ferreira de Melo (IFM): Ursula, primeiramente muito obrigado por você disponibilizar o seu tempo para nos responder a essa entrevista. Você, que é uma ativista tão importante para os estudos e as políticas decoloniais de gênero e que tem se erguido como uma importante voz no debate sobre a linguagem não-binária de gênero (LNB), não poderia estar de fora desse dossiê. Eu queria iniciar lhe perguntando, como você definiria essa linguagem não-binária.

Ursula Boreal Lopes Brevilheri: Antes de tudo gostaria de agradecer o convite e ressaltar como fico extremamente lisonjeada por se lembrarem de mim na composição de um trabalho como este. Estou há alguns anos discutindo questões em torno dessa pauta e, junto de diferentes pares, temos visto a popularização dessas discussões em diversos âmbitos, mas é sempre animador ver o processo de retorno às populações não-binárias para abordar questões que tanto tem a ver com nossas vivências.

Bom, essa pauta, que aqui vocês chamam de “linguagem não-binária”, mas que eu costumo ver articulada em tornos de diferentes termos, como “linguagem neutra”, “linguagem não-binária de gênero”, “pronome neutro”, “linguagem inclusiva”, “neolinguagem”, se trata de um aglomerado de estratégias e propostas para tornar a comunicação mais próxima da realidade e vivência de diferentes grupos, em especial as pessoas que não se enquadram completa e exclusivamente na lógica homem-mulher. É um objeto plural, entrecortado por diferentes perspectivas (muitas vezes até mesmo contraditórias entre si), em um movimento que eu tenho chamado de “polifônico”, isso é atravessado por diferentes vozes.

Eu gosto de pensar a linguagem não-binária como uma pauta, uma demanda, e uma construção coletiva e descentralizada. Porque sempre que definimos ela a partir de uma lógica singular, colocando-a em um só lugar, centralizando-a, atribuindo um marco, uma

¹ Doutor em Linguística. Professor de Linguística Queer, Análise Crítica do Discurso e Educação em Direitos Humanos (UFRPE/UFPE). Coordenador do Núcleo de Estudos Queer e Decoloniais (NuQueer) e do Observatório Brasileiro da Linguagem Inclusiva de Gênero. Docente do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (Progel-UFRPE) e do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL-UFPE). E-mail: iranmelo@hotmail.com.

fundação, reduzimos suas possibilidades e excluímos diferentes vozes presentes no seu processo de construção. Ao contrário, eu percebo que uma das grandes potencialidades dessa pauta é a sua pluralidade, e por isso a ideia de polifonia.

Há aspectos mais consensuais, sobre o uso de determinadas letras para flexionar substantivos e adjetivos, como no caso de “todes”, visando uma espécie de eclipse do gênero, de uma não marcação específica, ou sobre certos neopronomes mais populares, como é o caso do pronome “elu” por exemplo, que em geral não encontram discordâncias entre as comunidades. E há aspectos mais complexos, como por exemplo o uso do x (como em “todxs”), de caracteres especiais (“tod@s”, “tod*s”), o uso de termos sem marcação de gênero (por exemplo, substituindo “alunos” por “estudantes”) ou construção de frases sem termos genericados, que acabam por dividir opiniões.

Por isso talvez o ideal seja definir tal linguagem desta forma, entendendo que se trata de um complexo de estratégias e recursos diversos na busca por um falar menos binarizado, que contemple a todas as pessoas. Por um tempo, em meus processos de pesquisa, eu buscava dar mais proeminência a certos termos, valorizando por exemplo “neolinguagem”, por se tratar de uma expressão utilizada pelas próprias ativistas não-binárias, mas hoje em dia já entendo que esse tipo de abordagem só limita nossa visão. Para definir a linguagem não-binária é necessário entendê-la como ampla e múltipla, abdicando de personalismos ou definições exatas, possivelmente até renunciando marcos muito rígidos – por exemplo, temos registros do que podemos entender como parte dessa discussão no Brasil desde o século XX, na primeira década do século XXI, em diferentes momentos.

Como parte desse movimento, inclusive, eu tenho evitado o uso de somente um termo para me referir a essas discussões. Vezes falo de neolinguagem, outras vezes falo de linguagem não-binária, até mesmo de linguagem neutra (apesar de ter algumas críticas a esta ideia de “neutralidade”), ou outros termos. Tudo para ressaltar como esse debate é necessariamente amplo.

IFM: Ursula, muito tem se falado que a LNB é um prejuízo para o aprendizado da língua portuguesa. Existem inclusive professores de português defendendo isso em palestras de grande repercussão. Como você, na condição de pessoa trans e não binária, avalia esse argumento?

Ursula Boreal Lopes Brevilheri: Enxergo essas falas como parte de vasto conjunto de argumentações reacionárias vindas em geral de pessoas que não estão interessadas em discutir a demanda em si e suas implicações sobre os corpos de pessoas como eu. Primeiro que me parece haver um equívoco nas próprias compreensões sobre o que é a língua portuguesa. Fica parecendo que a língua portuguesa é algo posto, registrado e imutável, que as pessoas só se apropriam para se comunicar, quando na realidade o movimento é oposto: a língua surge a partir do movimento da comunicação e a partir de seus usos é então oficializada, transformada em norma. A língua portuguesa serve às pessoas, a suas falantes, e não as falantes que se adequam a uma realidade anterior. Quando alguém diz que o aprendizado da língua portuguesa estaria comprometido pela neolinguagem, me vem à mente que tipo de aprendizado está sendo exercido e defendido por essa pessoa. Porque me parece que uma das grandes belezas da dinâmica do falar, do escrever, da linguagem, está na sua fluidez, no seu constante processo de construção, desconstrução e reconstrução que não é necessariamente formalizado. Eu não sou professora de português nem mesmo pesquisadora da área de linguística, mas enquanto socióloga não consigo deixar de pensar na língua como esta “prova” da vivência social, de que não somos somente indivíduos soltos em um cosmos se relacionado por acaso uns com os outros, mas integrantes de comunidades, que representam o mundo através de códigos compartilhados. Essa é a beleza a qual me referia: a troca. Somos constituídas a partir da troca, entendemos o mundo através de esquemas que são plurais.

Por isso, quando escuto argumentos como este, tenho a impressão de que o problema de quem os emprega não é a linguagem não-binária. Para estas pessoas, o problema são as próprias existências não-binárias, a diversidade de vivências em si. Porque todes podem ter críticas e contribuições sobre a forma como essas estratégias são empregadas e/ou ensinadas (inclusive este é um de seus aspectos, a pluralidade de vozes em sua construção), mas é inegável que as pessoas que reivindicam a pauta da linguagem inclusiva existem e carecem de inclusão, inclusive dentro dos ambientes escolares. E o mais interessante – e quem nos lê pode fazer o exercício de observar essa questão – é que quem se apropria desses argumentos na grande maioria das vezes não fornece respostas para o problema da inclusão destes corpos que já não estão incluídos nas nossas formas de falar.

IFM: Atualmente, você sabe, Ursula, há muitos projetos de lei (PLs) para proibir a LNB. Em uma pesquisa que eu desenvolvo, juntamente com um aluno, Gustavo Paraíso, descobri, no mês de maio de 2023, que havia 63 PLs circulando na Câmara Federal Brasileira e nas assembleias legislativas de nossos estados. Gostaria de saber qual a sua opinião sobre esse tour de force no Brasil contra tal linguagem.

Ursula Boreal Lopes Brevilheri: Bom, essa é uma temática que tem atraído particularmente meu interesse, de forma que tenho buscado discutir também parte destes processos na pós-graduação em Sociologia. Em primeiro lugar eu visualizo que essas agendas se mobilizam não só em torno da linguagem não-binária, mas de outras pautas como o uso de banheiros ou a participação em competições esportivas por pessoas trans. Me parece que tais movimentos reacionários são bastante semelhantes com algo que já víamos há alguns anos, com o apelo para slogans como “Ideologia de Gênero” e outros. Basicamente, tentativas de moralizar questões políticas para cooptar o eleitorado através do desenvolvimento de um certo pânico. E uma estratégia que tem sido bastante efetiva em alguns casos, diga-se de passagem.

Tratando-se especificamente desta agenda de tentativas de proibição da linguagem neutra, me parece que muito mais do que factualmente proibir o uso dessas alternativas de linguagem, há uma tentativa de disputar o significado desses signos dentro do ideário de certas parcelas da nossa população. E esse é um movimento que me preocupa.

Porque é fato que certos territórios vivenciaram e vivenciam essa problemática, ainda que estes Projetos de Lei sejam absolutamente inconstitucionais, mas eu tenho a percepção de que o foco não está centrado no impedimento deste uso, na restrição a seus usos na escola (como vemos em vários destes PLs), mas na tentativa de certos atores conservadores da política brasileira de se colocarem como “vozes da verdade” sobre essas temáticas. A política federal e estadual, o âmbito das casas legislativas, é somente um meio onde essas figuras têm conseguido emplacar suas argumentações sobre o que seria realmente a linguagem não-binária.

É nesse ponto que reside, entre várias, a minha maior preocupação: o quanto essas estratégias com fins políticos, de aquisição e manutenção do poder, não acabam por dificultar a inserção da nossa pauta de inclusão em certos setores da sociedade. Porque eu estou convencida que certos parlamentares não realmente se importam com o uso da linguagem não-binária em diferentes espaços, mas a forma como produzem seus discursos, buscando aterrorizar as populações, moralizar as discussões, acaba por produzir noções no ideário popular que no final das contas impulsionam violências contra as nossas populações.

Afinal, se as pessoas são convencidas de que a neolinguagem e as pessoas que a utilizam fazem parte de um “esquema comunista organizado para destruir os valores da família” ou de um “plano para transformar nossas crianças em LGBTs”, considerando o cenário de radicalização e uso político da violência, qual é o resultado quase óbvio disso? Um aumento da violência.

Por isso eu entendo que tais parlamentares, que conduzem essas agendas de uma verdadeira demonização de nossas pautas de legítima inclusão, tem responsabilidade direta pelos atentados à integridade física de pessoas trans, travestis e não binárias no Brasil. Não podemos deixar de dar nome aos bois. Tais discursos se relacionam diretamente com a violência que vivenciamos no nosso cotidiano.

IFM: Acredito que você acompanha alguns questionamentos sobre a LNB que a acusam de capacitista porque os registros não alfabéticos dela (como o uso de -x, -@ e outros, na condição de desinência de gênero gramatical) nem sempre são bem compreendidos por pessoas cegas, com baixa visão e disléxicas. Como você tem encarado essa crítica? Ela, muitas vezes, vem até de pessoas não binárias. Gostaria de saber o que pensa sobre isso.

Ursula Boreal Lopes Brevilheri: Penso que são aspectos que precisam ser trazidos à discussão, mas sem moralizá-los. Muitas vezes quando pessoas sem deficiência, neurotípicas, empregam este tipo de argumentação, o fazem quase que usando estes corpos como tótems, como figuras para descreditar uma pauta, sem realmente se preocupar com a vivência destas pessoas.

É certo que essas questões precisam ser colocadas e levantadas, para que a gente construa cada vez mais possibilidades que sejam cada vez mais inclusivas, mas não creio que esse argumento possa ser usado de forma absoluta para simplesmente lançar a linguagem não-binária no lixo. Por exemplo, há alguns anos a gente escutava muito esse argumento de que os aplicativos de leitura de tela, utilizados por pessoas com deficiências visuais, jamais seriam capazes de fazer a leitura não só desses caracteres não alfabéticos, mas também das próprias articulações “pronunciáveis”. Se dizia que uma pessoa cega ficaria extremamente confusa ouvindo um “todes”,

que não sendo uma palavra presente no dicionário poderia gerar algum tipo de bug ou confusão na sua compreensão. E hoje em dia já vemos que os aplicativos tem se adaptado, inclusive algumas vezes criando fonemas para a leitura de “todxs”, por exemplo.

Além disso, me parece que esse papo desconsidera a existência de pessoas não-binárias cegas, disléxicas, com deficiências, como se a não-binariedade se restringisse a uma parcela específica da população, como se não estivéssemos nos mais diferentes segmentos da sociedade. Digo isso porque cada dia que passa eu conheço pessoas não-binárias em diferentes espaços, diferentes corporalidades, vivências, e isso só mostra como os nossos corpos são múltiplos, como somos todas as possibilidades para além da norma binária, de diferentes formas. E assim como a não-binariedade é diversa, a neolinguagem também é.

IFM: Você sinceramente acha que teremos uma absorção da LNB dentro da linguagem de prestígio de nossa língua um dia? Eu sou utópico (ainda que com os pés no chão rs). Por isso acredito. Mas, gostaria de saber de você. Tem pensado sobre isso?

Ursula Boreal Lopes Brevilheri: Sendo bem sincera eu tenho dúvidas se este realmente deve ser o nosso objetivo. É certo que, como eu disse anteriormente, não existe uma só forma de fazer linguagem não-binária, e da mesma forma não há um só objetivo para essas construções. Anteriormente eu já adotei uma posição mais restrita, afirmando que pensava que definitivamente essa não era nossa pauta, que não devíamos nos prender em um processo de consolidação das nossas formas de linguagem, mas hoje em dia me vejo mais aberta ao debate, sobretudo porque entendo que isso pode ser um caminho para a própria consolidação de direitos da nossa população.

De qualquer forma, considerando que eu não enxergo hoje que seja possível estabelecer um consenso sobre o que é a linguagem não-binária, que ela própria é formada por essa polifonia, por uma diversidade de vozes, opiniões e construções, fico pensativa como poderíamos estabelecer critérios para que essa absorção ocorresse.

Fico pensando que os movimentos LGBTQIA+ muitas vezes estão presos em buscas por definições específicas, rígidas, e acabam por entrar em embates entre si próprios por conta destas questões, quando talvez a chave para a resolução de vários destes conflitos fosse assumir justamente a pluralidade de percepções e identificações dentro de nossas vivências. Enquanto estivermos fechados em dizer que a nossa definição é a certa, que a de outre é imprecisa, vamos sempre seguir batendo cabeça e dando lugar às agendas conservadoras para se apropriarem de nossas pautas.

O que é posto, fechado, é a norma (sexual, de gênero, ...). Nós somos todas as possibilidades para além dela, e nossas perspectivas certamente não serão as mesmas, porque há múltiplas formas de não se enquadrar na norma. Imagino que para pensarmos um processo de absorção da linguagem não-binária (e de outras pautas de nossos movimentos) precisamos entender isso e começar a construir a partir dessa noção.

IFM: Sempre fico muito curioso, Ursula, pelos registros de LNB que eu ainda não conheço. Faço uma cartografia do tema há alguns anos e descubro variantes muito interessantes. Você tem visto uma variação dos usos da LNB aqui no Brasil? Tem usado a LNB correntemente? E, se usas, quais os modos que tens absorvido?

Ursula Boreal Lopes Brevilheri: Como uma defensora da diversidade presente na linguagem não-binária, tenho que dizer que adoro ver as variações que as pessoas empregam em determinados contextos. Ainda que haja uma certa proeminência de certas formas de desinência de gênero gramatical, do uso de letras específicas, de neopronomes mais populares, acho bonito ver quando grupos elaboram suas próprias formas de falar e fazer linguagens menos binárias.

Penso que isso inclusive reflete esse aspecto descentralizado de nossa pauta. As pessoas não utilizam a linguagem neutra necessariamente porque tiveram contato com alguém que a teria criado, apresentado a elas, mas porque a demanda da inclusão de certos corpos é pujante, é presente, em diferentes espaços e contextos. É certo que em um cenário de cada vez mais popularização da LNB há formas que vão ganhando mais visibilidade, e pessoas que vão encontrando nas formas já propostas maneiras de expressar suas subjetividades políticas, mas o emprego de outras possibilidades de pronomes, outras formas de desinência, não dependem de um contato anterior.

Recordo-me de ter encontrado um grupo de pessoas que havia tido pouco contato com a discussão, especialmente por não estarem inseridas em comunidades de pessoas não-binárias pela internet (um espaço que tem sido muito importante nesses processos), e que

utilizavam o arroba (@) com uma dimensão ambígua, tanto representando uma “união” entre “o”/”a” (tipicamente considerados, respectivamente, “masculino” e “feminino”) como também uma terceira possibilidade, algo além. Escreviam “tod@s” e formularam uma forma pronunciável disso, algo como um fonema entre o “ô” e o “ã”.

Estas mesmas pessoas não adotavam exatamente uma proposta de um neopronome específico, alternando entre um “êles” (semelhante a eles, o dito “masculino”, mas com a letra “ê” inicial aberta, se assemelhando a “elas”, o dito “feminino”) e “êlas” (desta vez falando a letra “ê” inicial de forma mais fechada, mais parecida com “eles”).

Em meu dia-a-dia utilizo a linguagem não-binária com naturalidade, sempre que possível. Acho que já é algo que se consolidou na minha forma de falar e, cada vez mais conhecendo diferentes pessoas não-binárias em diferentes espaços que habito e transito, isso se torna cada vez mais comum. Estranho seria não utilizar.

Mas um uso que eu gosto bastante, e que penso que se adequa a qualquer espaço que ocupo (ainda que, sinceramente, não ocupe espaços tipicamente conservadores), é a substituição de “todes” por “todas as pessoas”. Quando faço uma saudação a um público amplo, ainda que defenda o uso de “bom dia/tarde/noite a todes”, gosto de falar “boa noite a todas as pessoas presentes”, porque isso ressalta as múltiplas possibilidades de construir um falar menos binários.

Sem me estender muito mais nessa resposta, gostaria de relatar um acontecimento de minha família. Tenho duas tias, irmãs mais velhas de minha mãe, que sempre demonstram muito carinho por mim, e tem o costume de dar presentes para toda a sobrinhada. Em uma dessas ocasiões, em um encontro de família, com diferentes pacotes na mesa para cada filhe de suas irmãs e irmãos, a escrita “sobrinho fulano”, “sobrinha siclana”, se fazia presente no respectivo pacote de cada um. Chegando na minha vez de receber o presente, notei que no pacote estava escrito “Sobrinh Ursula”, e achei muito curioso.

Minhas tias não têm muito contato com essa discussão, e apesar de entenderem que me coloco no lugar de uma pessoa não-binária, rotineiramente me chamam de “ela”, “sobrinha”, “querida”, até porque é uma das formas que reivindico para falar e se referir a mim. Mas achei interessante como elas buscaram uma forma específica de marcar essa disrupção com o padrão masculino-feminino omitindo a letra final da palavra, que caracterizaria seu gênero gramatical. Penso que é sobre isso: ainda que não conheçam os recursos específicos, propostas, para incluir a não-binariedade, elas elaboraram uma forma própria de fazer isso. E na minha concepção isso é, também, linguagem não-binária.

IFM: Ursula, na Linguística, temos visto um dissenso enorme quando o assunto é a LNB. Você acompanha a postura de linguistas do Brasil sobre o assunto? Mesmo que não acompanhe, queria saber qual o seu olhar sobre nós e que papel nos atribui para o trabalho de popularização da LNB.

Ursula Boreal Lopes Brevilheri: Admito que não sou uma grande conhecedora destas discussões nos círculos internos da linguística no Brasil, mas acompanho através das redes sociais o trabalho de diferentes linguistas e pesquisadores que desenvolvem suas perspectivas sobre a neolinguagem eventual ou rotineiramente. Algo que tem me chamado bastante atenção é como as perspectivas sobre “glotopolítica” têm sido utilizadas no âmbito dessa discussão. Até cursei recentemente uma disciplina no Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, como aluna especial, que não tinha um enfoque específico na questão da LNB mas que abordava entre outros temas a questão das políticas linguísticas, para me apropriar um pouco mais dessas discussões em meu processo de pesquisa. E encontrei junto aos professores Kleber Aparecido da Silva e Paulo Daniel Elias Farah uma boa abertura para minhas perspectivas de pesquisa.

Sobre o lugar da linguística nessa discussão, visualizo que muitas vezes ela é instrumentalizada por discursos conservadores para adquirir certa legitimidade sobre suas críticas. Mais uma vez, não parece ser um processo de realmente dar ouvidos ao que essas pessoas têm a dizer, suas dimensões de pesquisa, mas uma verdadeira aplicação vazia, como quem apela para um argumento de autoridade.

Por outro lado, penso que temos muito a trocar com este campo. Mais do que fazermos um uso semelhante àquele feito por atores reacionários, somente utilizando-es para popularizar nossas demandas, para impulsionar nossa pauta, vejo que temos como

aprender de forma conjunta, em uma relação mútua. Certamente a linguística tem muitas contribuições para nossos debates, da mesma forma como nossas vivências e lutas também tem muito a contribuir. Acredito que precisamos fortalecer estes diálogos cada dia mais em busca de pontes e diálogos coerentes.

IFM: Eu tenho percebido, mesmo que de maneira ainda tímida, uma espécie de acusação de que a LNB é classista, pois, numa país de muitas pessoas analfabetas, o uso dessa linguagem, que requer operações sobre a linguagem escrita e sobre a norma padrão muitas vezes, seria um acinte contra o nosso povo. Você concorda?

Ursula Boreal Lopes Brevilheri: Discordo completamente. Inclusive penso que essa acusação possui um viés extremamente aporofóbico e preconceituoso, na medida em que estabelece uma conexão entre a pobreza/ acesso à educação e a capacidade de entender a realidade e se adaptar a ela. A linguagem não-binária não é uma pauta acadêmica, não é uma pauta científica, não está necessariamente ligada à linguagem escrita ou as normas. Certamente há pessoas que não se enquadram na lógica homem-mulher que são analfabetas e que elaboram seus próprios recursos para se expressar.

Novamente, me parece ser uma perspectiva limitada sobre a neolinguagem. Não se trata de uma proposta específica, de um movimento vertical descendente, mas de uma demanda horizontal, construída a partir da realidade de pessoas dos mais diversos segmentos sociais. Por isso precisa ser enxergada mais como demanda do que como proposição em si.

Em minha vivência como professora encontrei muito menos vezes dificuldades com nossas formas de expressão entre as populações com menor oportunidade de acesso à educação do que entre es dites escolarizadas. Pessoas de segmentos mais vulnerabilizados em nossa sociedade parecem, inclusive, ter uma maior facilidade de compreender quais nossas críticas, na medida em que também vivenciam um grau de estigmatização e opressão. Sinto que junto dessas pessoas eu tenho muito menos chance de ter minha vivência desvalorizada.

IFM: É claro que a glotofobia à LNB é uma prática transfóbica. No entanto, nem todas as pessoas percebem isso. Você gostaria de explicar por que? Acho que sua existência é a melhor para nos trazer essa posição.

Ursula Boreal Lopes Brevilheri: Com certeza. Ao longo das minhas últimas falas creio que já tenha ficado explicito o que entendo por linguagem não-binária: uma demanda de pessoas e grupos que não se veem contemplados pelo binarismo compulsório em nossa comunicação. São estratégias para incluir, para que tenhamos nosso lugar no mundo, que possamos ser representados, vistas, faladas. Negar a linguagem não-binária por si só, invalidando-a, é invalidar os nossos modos de existir. É certo que as pessoas podem ter críticas ao modo como são construídas essas alternativas, mas essas críticas só têm lugar coerente dentro do próprio debate da questão. Você até pode não concordar com determinadas formas, mas não dá para discordar de que estamos falando de algo pertinente, ainda mais considerando a realidade de violências e violações de direitos das nossas populações.

Se tratando de algo pertinente, então já estamos dentro do debate da linguagem não-binária. Não há um “jeito certo”, um modelo específico e pronto, são tentativas e estratégias que elaboramos e reelaboramos todos os dias, na busca por verdadeiras inclusões. E se consideramos a inclusão de pessoas trans, travestis e não-binárias algo relevante, então devemos nos engajar nessa discussão.

IFM: Ursula, para finalizar, gostaria de lhe pedir para terminar essa entrevista com alguma palavra de encorajamento para que não tenhamos medo da LNB.

Ursula Boreal Lopes Brevilheri: Não há o que temer. A linguagem não-binária atenta somente contra uma espécie: a opressão. Buscar formas de nos representar, de nos contemplar, jamais será um perigo para quem valoriza as pessoas e suas vidas.

Não nos enganemos, diversos setores e atores políticos tentarão estabelecer inverdades sobre nossas formas de linguagem. Na prática, *eles* não possuem nenhum compromisso real nem com a inclusão, nem com a Língua Portuguesa. Seus objetivos são outros.

A todes que não concordam com nossa demanda, repensem. Caso o problema seja com as formas, entendam que estamos abertos ao diálogo, porque a pauta é em si baseada no diálogo, respeitando as diferentes perspectivas.

Sigamos. Porque a inclusão sempre ressurgirá. Mesmo em momentos da história em que retrocedemos, nos cenários de maior opressão e menor expressão, a resistência nunca morreu. Seguiremos firmes, cada dia mais reafirmando nossas existências como são. E quando não pudermos, seguiremos como sempre seguimos no cenário da (cis)normatividade: comendo pelas bordas, resistindo

nas fissuras. Porque o muro das opressões pode ser rígido e bem construído, mas não é a prova de rachaduras. Nós somos as rachaduras.

E para *aqueles* que torcem e militam contra nossos avanços, que tenham, sim, medo. Porque continuaremos existindo e resistindo, com a linguagem não-binária como uma de nossas bandeiras, na busca por um amanhã menos binário.



Recebida e aceita em 27/08/2024.